

Reus e juizes, todos reus! O verdadeiro juiz é o povo que ainda não ditou a sua sentença

Vai ainda na segunda audiência o julgamento dos indivíduos implicados na revolução de 18 de Abril e já alguns jornais estão especulando com esse acontecimento.

E' precisamente a imprensa monárquica, declaradamente monárquica a que se distingue, não na defesa dos reus, que seria humana e justificável, mas dos actos que levaram aqueles homens a responder perante os tribunais.

Fizeram ontem alguns acusados a declaração perentória de que o movimento revolucionário em que se lançaram não era monárquico. Grande é a nossa boa vontade em acreditar nessa declaração. Porém, o *Correio da Manhã*, órgão dos monárquicos conservadores, achou tão integrados na ideia que defende os actos e os homens do 18 de Abril que não podemos deixar de considerar que senão se pretendia implantar a monarquia, desejava-se estabelecer um regime que muito se lhe assemelhasse.

O artigo de ontem do *Correio da Manhã* é comprometedor para os seus. Tanto os quer defender que mais os enterra. Foi muito infeliz, principalmente porque baseou toda a sua defesa numa mentira: que todo o país estava de alma e coração com os revoltosos. E' falso! O 18 de Abril foi o movimento mais impopular, mais antipático destes últimos tempos. Depois da desastrosa ditadura de Sidónio Pais o povo perdeu o resto das ilusões que alimentava acerca dos messias militares que pretendem «salvar a pátria». O exército é para o povo uma corporação antipática, sobretudo quando pretende, como em 18 de Abril, sobrepor-se ao poder civil.

Quero isto dizer que o povo esteja contente com a democracia dos Vitorinos ou dos Antónios Marias que para aí está? Não! O povo também não acredita nestes pseudo-democratas, mas sabe muito bem — não se lhe apagou da memória o deambulismo — que os militares revoltam-se contra esta espécie de democracia que vigora porque a desejam mais brutal, mais violenta, mais odiosa, mais tirânica do que já é!

No auge de exaltação o *Correio da Manhã* pretende convencer os seus leitores de que os reus deveriam estar sentados nos bancos dos reus. E' porque? Porque muitos militares, entre eles o general Adriano de Sá, que reprimiu a revolta, estavam comprometidos a auxiliá-la e traíram-na depois. O país, o povo nada tem que ver com as combinações secretas de alguns militares que desejam estabelecer um férreo regime de perseguição e de força. O país, tem que ter sido explorado e tiranizado por uns e continuaria a ser mais explorado e tiranizado pelos outros, considera todos — juizes, reus e acusadores — reus do mesmo crime.

O juiz, o único juiz é o povo. Ele não teve ainda oportunidade de ditar a sua sentença — mas ditá-la há um dia.

PERSEGUIÇÕES

Destazendo uma insidia

Escreve-nos o nosso camarada José Maria Canó, secretário geral do Sindicato dos Soldadores de Olhão repellido todas as insidias que vieram no *Século* acerca das prisões de militantes operários feitas no Algarve.

O *Século* de ontem retratou-se completamente publicando uma notícia dizendo que a anterior não correspondia à verdade e rectificando todas as falsidades que ela continha.

Julgamo-nos porisso dispensados de publicar o desmentido categorico de José Maria Canó.

OS GRANDES MOVIMENTOS

Prossegue activo o dos bancários franceses
PARIS, 2.—Os empregados dos bancos, que se encontram em greve há 6 semanas, repelleram uma proposta de conciliação das empresas bancárias votando a continuação do movimento.

A resistência dos marítimos ingleses
LONDRES, 2.—Continuam as greves na Inglaterra, na Austrália e nas Índias inglesas.

Nos respectivos portos estão imobilizados numerosos navios.

O dr. Mário Monteiro afirmou ontem na sua conferência que as deportações infringiram a Constituição e eram uma aplicação mal disfarçada da pena de morte

O distinto causídico dr. sr. Mário Monteiro, realizou ontem, no Salão de Festas do Sindicato da Construção Civil, a convite da comissão pró-presos da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, a sua anunciada conferência, à qual deu o sugestivo tema: «Ainda há pena de morte em Portugal».

Muito antes da hora anunciada, já a ampla sala de sessões regorgitava de assistentes, desejosos de conhecerem a voz autorizada do fluente advogado. A sua ansiedade foi satisfeita à hora conveniada — 21 horas — quando Alberto Monteiro, da comissão promotora desta e outras conferências que se seguirão, fez a apresentação do conferente. Em rápidas palavras explicou os fins da comissão de que faz parte, dizendo que é intuito da mesma fazer ouvir a voz autorizada dos homens do foro que, melhor do que ninguém, poderão demonstrar quanto de ilegal tem a medida do governo Vitorino Guimarães fazendo deportar, sem prévio julgamento algumas dezenas de operários. Em seguida deu a palavra ao dr. Mário Monteiro, que, antes de iniciar as suas judiciosas considerações previne a assistência de que não é duma conferência que vai tratar-se, mas sim duma rápida exposição de factos demonstrativos da infracção que se cometeu com a medida do governo dos Vitorinos.

E assim foi. O fogaço advogado, no curto espaço de 30 minutos, vergastou com copiosa argumentação a obra do governo referido.

Fez alusão à frase dum célebre economista que afirmou que «recluir perante um crime que se pode combater é cometer o mesmo crime». E só assim se compreende que o operariado tivesse assistido impassível às deportações levadas a efeito pela policia que se sobrepos aos três poderes da República, ou seja ao poder legislativo, ao executivo e ao judicial, o que representa uma infracção à própria Constituição Política da República Portuguesa, que no seu 30.º artigo tem expressamente fixado esse principio. Mas a policia senhora onipotente esfrangalhou esse direito, sob a ridícula alegação de que estava procedendo à limpeza conveniente a bem servir a Sociedade.

E é isto que a limpeza necessária devia fazer-se pela própria policia onde há muitos elementos cadastrados que para fazerem parte

daquella corporação tiveram que cancelar-se os seus cadastros. Fortes aplausos sublinham as últimas palavras do conferente.

A policia republicana pior do que a monárquica

Seguidamente o orador pôe em equação a obra da policia monárquica e da policia republicana, afirmando que a policia nunca se assemelhou aos processos desta, embora dela não haja saudades. A policia, no tempo da monarquia, respeitou mais os principios de liberdade do que a policia do sr. Barbosa Viana. Aquella nunca correu ao processo de soltar presos para daí a alguns minutos, dentro do mesmo edificio voltar a prendê-los. E se a policia não contasse com a impunidade dos poderes básicos da República, especialmente do legislativo que se limita a visitas ao hospital de São José, nunca ela ousaria enviar para Africa os operários que combateram os reacçãoários do movimento de 18 de Abril.

Refere-se também o conferente ao regido e à organização dos respectivos processos que deram aos arguidos o direito de contradita. Aos deportados de agora esse direito foi negado, quando o artigo 20.º da Constituição diz que é lícito ao preso requerer uma instrução contraditória do processo. E vem agora o sr. Barbosa Viana, tão bom rapaz como policia, tão bom policia como rapaz, apresentar-se como revisor dos processos a cujos arguidos não foi dado o direito de contradita. Em que principio se fundamenta esse jurista? (Aplausos).

Recorda-se uma frase de Afonso Costa

Essa revisão só pode confiar-se a criaturas com idoneidade, e nunca a juizes do Tribunal de Defesa Social. Afonso Costa, nos saudosos tempos da propaganda, disse que os magistrados dos tribunais de excepção, eram mais magistrados para serem bons policia. A alegação do sr. Barbosa Viana não passa da dum bom policia que apenas pretende desempenhar-se de tal missão e dá razão aqella frase.

Aludindo à retroactividade da lei que de-

portou para a Guiné e Cabo Verde alguns operários, estranha que se estabelecesse semelhante principio para aqueles operários e que se não faça o mesmo em matéria de responsabilidade ministerial.

O conferente, interrompido varias vezes por frenéticos aplausos lê agora alguns trechos dum artigo de autoria do dr. sr. António José de Almeida, inserto na *Alma Nacional* em 1910, no qual se expõe a atitude da policia, que então não procedeu como agora, como o vem provando no decorrer da sua conferência.

O dr. Mário Monteiro volta a occupar-se dos direitos consignados na Constituição invocando para exemplo o artigo 37.º que estabelece que é lícita a resistência contra uma arbitrariedade, lamentando que ainda o operariado não tivesse usado desse direito como conviria à sua situação. Se tal se tivesse realizado não assistiríamos à execução da pena de morte, como é a de deportação cujos resultados são bem conhecidos.

Na *Alma Nacional* que acabou de ler, declarou o conferente, encontra-se no mesmo artigo a afirmação de que a pena de morte foi abolida dos códigos, mas vigora nos costumes policiaes. Se fosse agora escrito esse artigo não seria menos assado, nem mais flagrante. Todavia os espiritos liberais parece que não vêem essa dura verdade, tão desviados andam do mundo da tirania.

Faça-se uma manifestação de protesto

O operariado deve combater essas draconianas medidas, como classe organizada, despresando as benesses dos politicos que em vésperas de eleições agitam as deportações com fins pouco honestos.

Faça-se uma manifestação pacifica, mas guerreira no seu significado. Que ela seja eloquente pelo valor, como eloquente é sempre a voz dos oprimidos, quando reclama justiça.

E com estas expressivas palavras, o dr. Mário Monteiro deu por finda a sua conferência, que foi delirantemente aplaudida.

Por último, Alberto Monteiro aconselha os presentes a comparecerem nas conferências que se seguirão, tão interessantes como a que acabara de realizar-se.

A audiência de ontem do julgamento dos implicados no 18 de abril foi um pretexto para Raúl Esteves se vangloriar dos seus ataques ao operariado e outros reus descobrirem os poderes de vários políticos e militares graúdos

Prosseguiu ontem na sala do risco do Arsenal de Marinha o julgamento dos implicados na revolução de 18 de abril.

O primeiro réu a ser interrogado foi o sr. Raúl Esteves, que declarou, é claro, que o movimento revolucionário deveria salvar a república e que não só colaborara, como o comandara.

Fez, a propósito, declarações preciosas, vangloriando-se de ter ajudado os governos da república a sufocar as justas revoltas operárias.

Eu devia vir responder perante o tribunal — disse elle com ironia — não só pelo 18 de abril, mas por todos os movimentos sucedidos nos últimos tempos. Quando voltei de França, com o meu batalhão, a cidade oferecia um aspecto miserável. Estava-se a braços com uma greve revolucionária. O meu batalhão não pôde descansar, foi de novo mobilizado para defrontar a greve. Quando ela acabou, o sr. Sá Cardoso abraça-me, dizendo que tinha salvo a república. E' qualquer coisa para um monárquico! Devo ser réu ou acusador?

O sr. Raúl Esteves historia outra greve e alude a outro abraço, este dado pelo falecido presidente de ministério António Granjo. Exclama:

— Salvei a república, foi o que ouvi pela segunda vez.

Voltando-se para os generais-jurados:

— O regime é mais meu do que dos senhores!

O ex-comandante do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro alude ainda a uma série ininterrupta de greves, agitações e intencional, numa das quais se pretendeu destituir o chefe do Estado, ao que elle se opôs.

— Pela terceira vez salvei a república.

Os operários que agraçam, a avaliar por este discurso, as boas intenções que presidiam ao movimento militar do 18 de abril.

Prosseguiu ainda fazendo considerações sobre vários politicos que, por diversas vezes, o convidaram a entrar em revolução, o que sempre recusou.

Filomeno da Câmara acusa Adriano de Sá

O juiz dirige-se a seguir ao comandante Filomeno da Câmara:

— Quais as intenções do movimento?

— Arrancar este país da miséria em que caiu!

— Esse movimento tinha por fim impor um governo ao Chefe do Estado?

— Tinha, sim, senhor.

— Quer dizer, está a acusação perfeitamente provada... Que razões o levaram a tomar esse acto de indisciplina?

O 18 de Abril não era um movimento nosso, mas sim provocado pelo clamor da nação! Isto não é novidade para ninguém. No nosso país não é o trabalho e os conhecimentos que vencem! Eu estou inibido de usar a minha farda e as minhas vengas, por uma lei infamante. O Tribunal quer saber se eu comande as forças?! Comandei-as, sim, senhor, como o official mais graduado.

Em seguida o sr. Filomeno da Câmara passa a ler parte dum discurso do sr. José Domingues dos Santos no banquete do Pôrto. Diz:

— Pois este discurso é feito por um homem que tanto combatia o 18 de Abril!

A altivez de alguns médicos contrastando com a incorrecção e desumanidade de um que se deixou subornar pelos potentados de Samora

Em geral, quando vem para Samora Correia qualquer funcionário, de novo, há sempre, e isto de há muitos anos para cá, da parte dos que não estão julgados à canga dos dois colossos, o máximo empenho em que elle se conserve independente d'elles, não lhes retribuindo os salameleques, nem lhes aceitando os favores.

E assim se conservou o médico Correia de Almeida que, tendo as simpatias da grande maioria da população nunca se sujeitou ao jugo da Companhia; e, porque era republicano, até lhe tiraram a casa em que vivia, perseguindo-o, por todas as formas, chegando a enviar daqui os doentes ao médico de Vila Franca de Xira.

Veio mais tarde o dr. Augusto de Vasconcelos que, durante o pouco tempo em que aqui exerceu clinica, nunca curvou a cerviz ao grande potentado. Nem lhe deram gratificações, nem casas, nem presentes de qualquer espécie. Mais tarde o dr. Ferreira da Cunha, republicano avançado, dispensou sempre os favores da Companhia e nem por isso foi menos querido do povo desta laboriosa terra.

Veio o actual que, pretendendo ser rico fosse de que maneira fosse, foi lavrador, foi salchicheiro, negociante de porcos, experimentou de tudo um pouco, mas nada conseguiu. E, alagado imbecilmente aos dois potentados, para que um lhe desse casa, horta e doentes e o outro automóvel e alimpadura de graça para a criação, perdeu por completo as simpatias do povo, a ponto de se chegar ao extremo de, sempre que há qualquer doença grave, ter que ir-se a Benavente, a Vila Franca, a Alhandra ou a Lisboa.

Supomos até que este médico que, dizendo-se republicano, tem servido apenas de bôbo aos potentados, que aí o mantêm para se servirem dos serviços e rirem-se d'elle depois, é um clinico distinto; mas o que é um facto é que o povo de Samora, enquanto aqui esteve o bemquisto farmacêutico Lopes, nunca recorria ao médico, ainda nos casos mais urgentes.

A's vezes, quer de noite ou de dia, viam os seus consules escrever às janelas da

O sr. Filomeno da Câmara afirma que o movimento era conhecido de toda a gente, e conta que dias antes d'elle rebentar foi procurado por um parente do sr. Adriano de Sá, que lhe perguntou o que havia. Respondi: o sr. Adriano de Sá que procure o general sr. Garcia Rosado. O gener sr. Adriano de Sá disse depois a esse intermediário, seu parente, que só um movimento militar podia salvar o país, era essa a solução, mas elle não confiava muito nos officiaes para o levarem a efeito.

Adiante:

— Lamento que no decreto que me impede de vestir a minha farda estejam os nomes de dois officiaes do Exército, um d'elles conspirador e revolucionário do 14 de Maio.

— Estranho, de facto, não ver aqui sentado o general sr. Adriano de Sá...

O major Catarino Lima interrogado depois declara que tomou parte no movimento, embora não tivesse tido prévia informação do que iria ocorrer.

No dia da revolta, sabendo que eram Filomeno da Câmara e Raúl Esteves os chefes da rebelião, marchou para a Rotunda com a sua unidade. E relatou a propósito um incidente curioso que patenteia bem a que desleixo chegou a exercito que pretendia meter o país na ordem.

la a apresentar-se ao sr. Filomeno da Câmara, e, por engano — porque há dois quartéis em Campolide — em vez de procurá-lo em artilharia, procurou-o no quartel da guarda republicana.

Falou ao respectivo comandante, disse-lhe o que queria, e o comandante da G. N. respondeu-lhe, admirado ainda da sua ignorância:

— Não é aqui. E' mais além, nas metralhadoras...

Fizeram-lhe continência; elle, rei, também fez; e lá se foi ao seu destino, surpreso, naturalmente, de nem ao menos se lembrarem de o prender.

A meio caminho os próprios a quem já aderira, tendo-o visto sair do quartel da G. N. tornaram-no por suspeito e prenderam-no, levando-o assim até junto do sr. Filomeno da Câmara, a quem buscava.

Fez-se destas declarações um auto de ocorrência.

As declarações de Botelho Moniz

O tenente Jorge Botelho Moniz declarou ter participado na revolta para vingar a morte de Sidónio Pais, que considera um grande português.

Contou, a propósito, o seguinte caso: — Um dia, vindo eu num comboio, de Caldas da Rainha para Lisboa, eram meus companheiros de viagem, sem me conhecerem, um médico da C. P. e o dr. sr. Gonçalves Cota, advogado de defesa de José Júlio da Costa.

O médico e o advogado conversavam à vontade, mal pensando, sequer, que era Jorge Botelho Moniz a pessoa que os ouvia. A certa altura da conversa, o dr. sr. Cota declarou ao médico que o assassino de Sidónio Pais estava em Lisboa a bom recato em casa de uma espanhola qualquer. Tão a bom recato que até tinha a moradia guardada por agentes da policia civil.

Chega-se, depois de ouvidos os reus e os acusadores, à conclusão de entre uns e outros — que os leve o demónio lá escolha...

Amanhã prossegue a farça...

farmácia a ver se ali se encontrava o médico; se estava não entravam, se não estava, pediam confiadamente ao farmacêutico o remédio para os seus padecimentos.

E por que era isto?

Por que não seja um abalado médico o titere dos potentados?

Não. Exactamente por sabermos que elle é uma perencha, uma coisa que não é do povo, mas da *Samorense* e da Companhia das Lezírias; e o povo tem em si, inato, o sentimento da própria defesa. O povo — ainda mesmo o que vive das grandes empresas sugadoras, não vê bem os que sabujam, os que bajulam, os que se rojam. O povo, ainda o mais humilde, não vê bem os que se humilham. Aprecia os caracteres ativos, tem a intuição da nobreza de caracter que não é apanágio dos ricos; muito ao contrário.

Estes pormenores vêm a propósito para justificar a luta que existe imamente no coração deste povo contra os potentados, contra os tirânicos açambarcadores da riqueza desta terra e das liberdades desta gente e para provar que não é sem um fim, bem vizível, que as grandes companhias procuram subornar todos aqueles que para aqui vêm de novo, muito principalmente os médicos; mas quando elles não esperam que os chamem ao apriso e se vão metendo a expor a sua sob o cajado dos maioraes, escarnecem-nos, exploram-lhes os ridiculos, e aproveitam-lhes os serviços.

E querem ver como tudo isto bate certo?

Emídio Gonçalves Português é um rapazinho de cara chupada, que parece andar sempre cheio de frio, ainda nos dias mais quentes de verão.

E' empregado na *Samorense*. Pelo seu todo, pela sua maneira de andar, pela posse fraca mas teimosa que lhe recorta as frases, pela sua respiração opressa, vê-se bem que sofre e sofre muito.

Foi para a moagem aos 14 anos. Di principio tudo foi muito bem; mas um dia, colhido por uma correira, ficou numa posição critica, vendo uma peça da máquina a esfacelar-lhe os vestidos e a percutir-lhe o

lado esquerdo do peito e o braço, deixando-o em mau estado, supondo-se até, ao retirá-lo dali, que poucos momentos lhe restariam de vida.

Não foi assim, todavia.

Apenas tinha um braço partido por dois lados: «pelo meio e pelo terço inferior do humero» sentenciou o médico que recebeu as almas da moagem, passava de automóvel quando lhe apetece, tem casa de graça, e horta de graça. E da fratura do braço com o maior discrição—diga-se de passagem.

Durante a sua imobilização parece que a Samorens, depois de repetidas reclamações à família do sinistro, consentiu em pagar-lhe metade da fatura, como se isso fosse um grande favor!

Roubaram o servo enfermo e ainda são capazes de apontar o latrocínio, como um favor a agradecer.

Mas o pior é que, passado pouco tempo, o rapaz queixava-se do peito e exalava um hálito pestilento. Expectativa sangue e pus. O médico dizia que o caso nenhuma importância tinha; que comesse bem e bebesse muito. Era uma questão de alimentação.

Mas o pai que via o rapaz sofrendo e definhando de dia para dia, e vendo que a sembra frondosa dos potentados nenhuma providência podia pedir, resolveu ir ter com um médico a Lisboa.

Foi à policlínica da Praça de Camões e ali encontrou quem lhe falasse a verdade sem temer cair no desgosto dos colossos de Samora Correia.

Trataram-lhe o rapaz carinhosa e devidamente, puzeram-lho em pé, como ele diz, mas não lhe restituíram as cores sãs das pernas a saúde de que gozava antes do sinistro.

E nem sequer lhe pagaram o tratamento, por muito justo que isso parecesse a toda a gente.

Mas, porque é que os pais não procuram os meios legais para os seus filhos assim inutilizados seja garantido o passado no futuro, sem ser preciso trabalhar, visto que para tanto já não dispõem da necessária robustez?

—Ora! Deus não livre! Se nós fôssemos a mexer nisso nada víriamos a receber e perderíamos o pão que hoje nos dão de inverno e de verão. E isso, bem vê, sempre é mais certo do que aquilo que se fôsse pedir aos tribunais. Eles são grandes, podem tudo; triste daqueles que precisam deles, que têm de sofrer e calar, porque não é preciso falar muito para se perder o lugar que se tem.

E depois de tantos factos para os quais não há justificação possível, depois de tantas vilanias e torpezas assacadas aos dois colossos, ainda haverá alguém que suponha que a Samorens alguma coisa contribuiu para o progresso de Samora Correia?

—Ainda haverá alguém que veja na Companhia das Lezírias a felicidade desta pobre gente que ela cobardemente explora?

—Inutilizando gente e envenenando a existência de uma população inteira, reduzindo-a à triste condição de máquina automática que só tem o direito de trabalhar, sofrer e calar que se faz a felicidade dos eternos escravos?

E a arrogância deles?

Ainda há dias o tirante que superintende a cá na roça da Companhia, sabendo que um pobre velho, mutilado de uma perna, havia entrado para o serviço lhe disse, cheio de amabilidade:

—Tu ontem não viste...

—Vim, meu senhor; vim uns minutos mais tarde, por ter passado mal a noite... mas vim.

—Ah! passaste mal a noite... não tomas-te chá ao deitar...

—Não passei bem, não, senhor.

—Pois tem cautela, porque, de um momento para o outro, pode acabar-se-te a mama.

A mama, para este roceiro, são uns 4 ou 5 escudos que o desgraçado recebe por dia!

Serra FRAZÃO

Notas & Comentários

Cidadãos da Bodeia?

Escreve-nos o telegrafo-postal Bernardino António uma carta protestando contra o facto da Associação do Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos ter mandado rezar uma missa para comemorar uma greve da classe.

Nessa carta recorda-se a figura de Abílio dos Santos Pinto que, sendo um defensor dos mais rasgados e modernos ideais de emancipação era como não podia deixar de ser, em coerência com os seus princípios um adversário irreductível de todos os dogmas religiosos e fortemente crítico as bases arqui-falsas em que assenta a religião católica.

Como podia a Associação do Pessoal Maior mandar rezar uma missa por ele? Esse gesto só merece a repulsa de todas as pessoas de bem, pois nada há mais torpe, mais revoltante que ofender as idéias e os pensamentos de quem por ter morrido se não pode defender duma tratadante.

Uma direcção que desta maneira proceda só na Bodeia ficaria de pé. Serão os componentes dessa associação uma espécie de cidadãos da Bodeia? Parece que sim, pois que até agora nenhum deles teve a nobreza dum protesto activo.

Prodigiosa descoberta

Arganil, a Arganil dos proprietários agrícolas, descobriu que estava pagando generosamente aos trabalhadores rurais e vai reunir para tomar a resolução de lhe pagar menos.

A mesma clarividente Arganil soube realizar outra descoberta tão valiosa e tão verídica como a primeira. Arganil—passai o gentes—descobriu que o custo da vida teve uma diminuição extraordinária: uma diminuição de 50 0/0.

Em que se funda ela para ter chegado a esta extraordinária conclusão? Não o diz, mas não devemos também procurar inquiri-lo. Há certos segredos que não devem ser desvendados e este de descobrir que a vida decore 50 0/0 quando ela se mantém estacionária, pertence a esse número.

No entanto, para auxiliar os investigadores de charadas diremos que os agricultores de Arganil pretendem baixar os salários dos rurais e com salubridade se recordam que «antigamente o nosso trabalhador contentava-se e achava bem ganhar meio alqueire de milho por dia ou o seu equivalente em dinheiro ou um litro de azeite!»

Dito isto cremos que a charada está decifrada. Pelo menos ficam os leitores habilitados a saber a razão por que se descobriu em Arganil uma descida do custo da vida que não existe...

Achamos bem...

Uma informação preciosa que demonstra ue nem tudo é retrocesso nesta democracia

UM JUIZ ODIENTO
MAIS BÁRBARO DO QUE
UM VULGAR CARRASCO

Com o pedido de publicação recebemos a carta que a seguir gostosamente reproduzimos:

«Em todos os tempos se teve um pouco de comiserção, atenuando-lhes as penas ou internando-os em casas de saúde, com os infelizes que sofrem de qualquer tara.

Deu-se isso com D. Maria Guerreiro, cujo crime repugnante não deixou de comover os corações bem formados, pois se verificou, ou pelo menos se fez constar, tratar-se duma doente.

Deu-se isso com o cabo Anastácio Moreno, que ultrapassou os limites da malvadeza, e no entanto fez-se o que o bom senso indicava, mandou-se internar no manicômio para que se fizesse um exame as suas faculdades mentais.

Pois bem. Cabo Moreno já respondeu e a-pesar de ter confessado o seu crime, foi-lhe facultado apresentar advogado e testemunhas de defesa, realizando-se o seu julgamento na metrópole, podendo a ele assistir quem muito bem lhe apeteceu, sem que isso influísse na decisão do júri.

A outra ainda não respondeu, mas tem-se dado crimes mais repugnantes e entre eles o do célebre Leandro González, incendiário da Rua da Madalena e nunca houve voz alguma que se erguesse, pedindo o absurdo de se saltar por cima da lei, para amedrontando os tribunais, pedir que os seus autores fossem julgados nas colônias. Bem pelo contrário muitos foram favorecidos e todos tiveram o direito que até à data, com excepção do sr. Barbosa Viana, toda a gente o respeitou: direito à defesa.

Cobrimos-nos desse direito e praticar um crime de lesa-humanidade. Pois prepara-se para o executar, segundo as suas afirmações no *«Diário de Lisboa»*, o sr. Barbosa.

Mas é preciso ver como esse crime se pretende realizar: por uma forma desumana, pois é próprio sr. Barbosa que declara que a maioria dos criminosos (?) são tarados.

Então por se ter a infelicidade de se ser doente deve-se-lhe aplicar um degredo, longe dos seus e sem medicamentos e alimentação?

Que sentimentos poderá ter quem tal barbarismo defenda? Em que bases se fundará essa defesa indigna? Em todos os países há, mais ou menos, criminosos. Pois não me consta que os condenem à morte. Além disso só um médico alienista ou criminalista se poderá manifestar sobre as taras dos chamados legionários.

Quem é que, livre de paixões, acreditará que, entre os presos não existe um só inocente, como parece deduzir-se das afirmações feitas pelo sr. Barbosa? Mas dando mesmo de barato que dos processos se chega à conclusão supra, não sr. Barbosa poderia fazer essa afirmação visto que não assistiu, como juiz algum, à organização dos mesmos. Quem os organizou, pois? Os agentes da brigada, e toda a gente sabe bem a competência dos agentes modernos, a quem, além da falta dos conhecimentos necessários, lhes falta ainda a prática.

E em processos assim organizados que nos pretendem julgar nas colônias, densos ao arbitrio dum juiz, sem mais preâmbulos. Se esse juiz fosse o sr. Barbosa Viana já se sabia que as condenações iriam ao máximo.

E preciso acentuar bem que os julgamentos, se é que se pretende fazer justiça, tem que se fazer em Lisboa. Se se der o contrário não mais as famílias os verão.

Matem-nos aqui, entregando-nos aos Otelo Pereira, Lains e quejandos, mas não nos mandem para fora, pois ninguém deixará de verificar que nos querem assassinar. Os processos julgados lá fora com as testemunhas de acusação que nem sequer vimos, é a condenação de todos, inocentes ou culpados. A não ser que o bom senso de qualquer juiz o leve a recusar-se a julgar-nos. De contrário como poderá, lá longe, indagar o juiz, ou o delegado ou o advogado, se a suposta testemunha Manuel da Maria Joaquina, ou António da Maria Manuela, existiu ou se nunca existiu.

Tenham paciência os que tal desejam, mas isso, se se desse, não teria uma só pessoa que o pudesse aplaudir.

Não nos assusta a morte, mas queremos provar iniludivelmente que não somos criminosos e que temos direito à liberdade.

Pela minha parte, posso provar, com dezenas de testemunhas, que nunca entrei em atentados, nem para eles contribuí e que as restantes acusações são tão verdadeiras como as primeiras, senão mais infames ainda.

Dou de prémio a minha cabeça, a quem provar ter-me visto uma só vez que fosse na Idanha, onde o agente Otelo vê fábricas de bombas e não vê —suprema cegueira a sua!— por onde lhe fugiu determinado preso (?) que... não era liliputiano e onde passava...

Em nome de todos os presos meus companheiros e no meu pessoal se confessa muito grato a v.—Celso Pinto Marques da Costa, calabouço 6.

EDEN TEATRO
Telef. N. 3803

Direcção artística de Henrique Santana

AMANHÃ, SEXTA-FEIRA, INAUGURAÇÃO
dos espectáculos em sessões
às 8 3/4 e 10 3/4

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES
da revista em 2 actos
e 12 quadros

Frei Tomás ou O Mistério
DA

Rua Saraiva de Carvalho
da autoria de Eduardo Fernandes
(Esculápio) e Carlos Ferreira,
música de Alves Coelho
e Raúl Ferrão

Quatro-roupa novo, de Castelo Branco e da Emp.
presa de Materiais de Teatro—Scenários
também novos, de Salgueiro, Renda, Serra
& Hincinlo, Reinaldo Martins, Reul Campos
& Rebelo Junior.

BILHETES À VENDA

vesga: os reus de 18 de Abril vão depois
de cada audiência ficar tranquilamente a
suas casas, na paz do lar, no seio familiar.
Achamos ben. E como em democracia os
direitos são iguais, esperamos que em to-
dos os outros julgamentos, pelo menos nos
de carácter político ou social, se proceda de
igual modo para com os reus, tão merecedo-
res de consideração como os que preten-
diam salvar a República impondo um re-
gime de força.

A BATALHA
O CRIME DOS DE CIMA!

A situação em Espanha

Por EUSEBIO CARBÓ

O medo dum levantamento geral domina tudo e todos. O governo sabia, que as organizações operárias ainda podiam contar com reservas, para quebrar a resistência da força legal. Sabia também que os empregados dos bancos, da bolsa e do comércio também abandonariam o trabalho, tão depressa os convencessem. Temia-se que os médicos, os enfermeiros, as parteras e os criados fizessem o mesmo, se lho pedissem...

Uma das cláusulas para que terminasse esta luta de dois meses era a absoluta impunidade de todos os detidos. Esta luta memorável acabou em 19 de Março daquele ano.

Quando os militares reaccionários faziam menção, de deter um certo número de lutadores, e entregá-los nas mãos dos juizes, reuniram-se na praça de touros na noite de 19 de Março cerca de 25.000 operários, e ameaçaram declarar imediatamente a greve geral, se os presos não fossem postos desde já em liberdade até ao último homem.

E na realidade em 24 de Março rebentou novamente a greve geral. Recorreu a reacção outra vez ao estado de sítio. A classe trabalhadora respondeu sem hesitações à provocação.

Esta luta de 14 dias foi coroada na verdade de triunfo, porém, custou aos trabalhadores muitas vítimas, lágrimas e sangue.

Seguiu-se um novo curto período de tranquilidade, durante o qual as forças do estado pouco se faziam sentir. Mas os instintos da burguesia, especialmente da catalã, são despotismos e sangrentos. A burguesia criou um «Sindicato de bandagem», com o auxílio do qual pensava conduzir uma luta, até ao último extremo contra o movimento operário. E esta burguesia não deixou de usar a brutalidade, onde viu que a podia perpetrar sem riscos para a própria pele.

Não se podia negar que durante a última luta o poder do operariado tinha subido e fortificado, e por isso outros métodos de ataque foram inventados. As armas então não teriam dado resultado, mas recorreu-se à fome que devia actuar como milagreiro auxiliar.

Em fins de 1919 foi organizado um «lock-out» que durou quatorze semanas. A burguesia imbecil julgou, que metade deste tempo seria suficiente, para forçar sem condições os trabalhadores à submissão. Nenhum tinha ainda um presentimento da força indomável de resistência, que podiam desenvolver os escravos de salários cheios de amargo ódio contra os seus opressores, que pretendiam condenar à fome as suas mulheres e os seus filhos.

Quando a ideia falhou, quando as massas se negaram terminantemente a voltar ao trabalho, dirigiu o governo um aviso aos trabalhadores, para retomarem o trabalho num dia determinado, aliás corriam o perigo, de perder os seus lugares.

Mas entre os cento e cinquenta mil operários nem um único se rendeu perante os «contos de serestas» dos senhores do governo.

Esta tentativa, sobre a qual a burguesia tinha depositado grandes esperanças, mostrou aos locais e aos auxiliares da burguesia, que mesmo contra as massas esmoeadas nada se pôde fazer, se elas estão possuídas do espírito de solidariedade invencível, ou por outras palavras, se elas estão comprometidas do espírito do sindicalismo anarquista. E a este espírito foi devido que os salários durante o «lock-out» fossem pagos em grande parte. Algumas semanas mais tarde realizou-se em Madrid o Congresso da Confederação Nacional de Trabalho (C.N.T.).

A raiva e o descontentamento da burguesia foi grande, quando verificou que as organizações, em vez de se mostrarem vencidas e abatidas, ainda tinham crescido em número de aderentes. Contava então um milhão e vários milhares de associados.

Este congresso mostrou, que o espírito anarco-sindicalista do movimento operário se tinha tornado ainda mais forte e decidido, e mostrou-se, além disso, que eram razoáveis as tácticas revolucionárias adoptadas pelo movimento sindicalista, e que a finalidade de luta proletária, o comunismo livre, só podia ser apressado a atingido por meio de acção directa.

Despertada esta consciência passaram os trabalhadores a preocupar-se menos com as escaramuças pequenas e lutas políticas pelo salário, e a empregar o seu tempo e energias, para que entre as massas se radicasse o pensamento do movimento geral para a destruição de todo o sistema económico-capitalista.

O governo, como fiel defensor do capitalismo, não fez senão aumentar com a sua política o descontentamento entre o operariado. A decisão do proletariado cresceu.

As organizações trabalhavam infatigavelmente para preparar cuidadosamente a construção de uma nova ordem social.

As condições da produção na indústria e na agricultura eram objecto de profundos estudos e de estatísticas.

Alguns camaradas habilitados ocupavam-se com a troca e o transporte dos produtos ultramarinos, enquanto as estatísticas de todas as indústrias nacionais se obtinham com o estudo das necessidades económicas. Todas estas obras estavam ganhando simpatia entre a população. Nos círculos dos intelectuais e dos técnicos fez-se um entendimento, por meio do qual entrariam numa aliança íntima os operários, das fábricas, laboratórios, campos e minas com os académicos de todo o país.

Estabeleceu-se num laboratório público para análises, que estava aberto gratuitamente a todos os visitantes. O que se queria alcançar com este instituto?

Querias-se evitar que o inconsciente mundo do negócio, continuasse a enganar o público—querias-se que os homens de negócio deixassem o ofício de vender água e semente por bom leite de vaca—impelias-se os fabricantes de conservas de carne pódre, e de pastas de toda a espécie a substituí-las por ovos, substâncias químicas e preparados de batata.

A diferença fundamental—pode-se dizer basilar—entre os desgraçados métodos de luta dos organismos sociais-democratas e os sindicalistas nota-as o leitor pelas seguintes acções:

Um dia soube a população de Barcelona, da proclamação da greve dos padeiros. Uma suprema verdadeiramente desagradável, logo de manhã cedo, sob os incitamentos do maldito sindicalismo estar-se bem o pão fresco do almoço. A imprensa burguesa gritou contra isto em alto e bom som. Contudo a opinião pública e voltou-se imediatamente a favor dos sindicalistas quando os mesmos mamelucos nos números seguintes dos seus

transportes deu um exemplo claro da solidariedade e da vontade de lutar dos trabalhadores.

Por isso nós podemos ver, as estrelas do progresso, brilharem de novo na Espanha.

O proletariado espanhol, eternamente jovem, sentiu-se, de novo, possuído de confiança, isto é, os revolucionários espanhóis procuraram, em breve, novos horizontes.

Então, a burguesia não pôde compreender, que todas as tentativas para esmagar o movimento operário, fossem inúteis, fabricaram novos «venenos» reaccionários.

Ainda deviam ultrapassar todos os anteriores acontecimentos em clinica brutalidade a fim de que não actuasse a mais pequena veleidade de sentimento humano. E deste angustioso pensamento resultou o golpe de Estado de 13 de Setembro de 1923. Como temos visto, seguiram-se, sempre, às vitórias dos revolucionários uma ferocidade sempre crescente da reacção. Este facto é tão lógico como elucidativo. As federações eram uma permanente ameaça. A constante agitação revolucionária entre as massas tornou-se um perigo real. Por isso feita a mobilização militar. Mas a corteza de vistas dos defensores deste plano de perseguições devia levá-los em breve à conclusão de que este preferido meio de opressão tornar-se ia dum dia para o outro cada vez mais incerto. Na massa, na qual aumentava as incertezas, ameaçavam-se quebrar as últimas pilares de apoio da reacção. Não é verdade, oh! senhores? Não sabeis ainda isso? O exército desde o conflito da Canadense em 1919 e desde a revolta de Saragoça já não é tão seguro como era antes, e como poderia mantê-lo, de boa vontade, eternamente?

A ditadura na Espanha semelha um homenzinho fraco, que ainda se mantém nas pernas muito fracas. Mas onde a inteligência falta, desempenha então muitas vezes na vida dos indivíduos, assim como dos grupos, o seu papel o instinto da conservação da espécie. O caso de Mateu e Nicolau mostra-nos isso muito claramente.

A suspensão desta sentença de morte, não se pode considerar um gesto generoso. Um homem com a inteligência e o carácter dum Rivera, teve as suas especiais razões, para suspender aquela sentença de morte. Determinou este gesto um sentimento instintivo.

Certamente que a «ditadura tem custado grande número de vítimas, mas porisso tem o proletariado alcançado maiores simpatias nos círculos populares. Os soldados também estão cada vez mais do lado dos trabalhadores. Contra a monarquia existe o ódio mais amargo. Especialmente o rei é odiado por todo o povo.

A ditadura presta um serviço incontestável, tornando conhecidos mutuamente os esforços dos trabalhadores e dos republicanos, e aproximando uns dos outros os dois círculos.

Ela mostrou aos mais cegos a falta de estabilidade das condições presentes. Os revolucionários vêem ao contrário uma rica colheita. A propaganda oral e escrita pode conduzir às necessidades revolucionárias a círculos sempre cada vez mais largos. Os revolucionários formaram em breve a maior minoria da Espanha. O horror, que as deportações dos intelectuais espanhóis produziram, despertará as energias revolucionárias, e a fim de que expire a hora da mais negra reacção. Os últimos anos tem mostrado ao estrangeiro como é a Espanha actual, e que imensas atrocidades se tem podido cometer sob a capa da monarquia contra as mais elementares regras de humanidade. Pode ser quase assegurado, que a Espanha será em breve sacudida por uma agitação revolucionária. Improvisadas são as possibilidades, que estão ocultas.

Os soldados espanhóis odeiam da morte a disciplina de escravidão. Por ocasião do próximo movimento pela liberdade eles estarão na maior parte de ombro com ombro com o proletariado.

Dum lado os sustentáculos da ordem económica capitalista concentram todas as forças contra os partidos políticos e o proletariado desorientado.

Do outro lado estão os organismos económicos revolucionários, que lutam pelo comunismo libertário, corporizado na Associação Internacional dos Trabalhadores—com a maior firmeza.

Tão depressa a última maior minoria do sindicalismo internacional se una, serão vencidos os partidos políticos e as organizações reformistas—e será então o fim da ordem económica capitalista.

O cúmulo da desvergonha

Uma mulher presa e agredida pela policia em sua própria casa

Ontem, às 23 horas, um grupo de guardas civis da esquadra dos Terramotos invadiu, sem que couxa alguma o justificasse, o domicílio de Maria da Conceição, na calçada da Quintinha, C. rjc. Di., agredindo-a dentro de casa e conduzindo-a sob prisão para a supracitada esquadra.

Já não se satisfaz a policia com espancamentos a presos confiados à sua guarda. Já a não satisfazem as prisões inúmeras que, sem motivo, efectua.

Agora já entra, atropelando a inviolabilidade do domicílio garantida pela Constituição, na casa de qualquer pessoa para aí mesmo a agredir e prender.

Não nos causam admiração, conquanto nos indignem, as barbaridades com que a policia se vem celebrizando, mas não esperávamos, que a desvergonha fosse levada a tal ponto.

Por este andar teremos de passar a blindar as portas e janelas das habitações e a artilhar as casas para nos defendermos da policia.

A 'Batalha' na provincia e arredores

Em Trancoso

Uma selvajaria de dois soldados da G. N. R.

TRANCOSO, 28.—Como nos passados dias se realizasse nesta localidade a feira anual, da Guarda vieram em passeio alguns empregados no comércio e entre eles um de nome Gilberto Saraiva. Quando este, despreocupadamente, conversava, numa das ruas, com os amigos, surgiram os soldados n.ºs 127 e 50, do posto da G. N. R. que, sem mais explicações, lhe dirigiram uma verdadeira saracada de pranchadas e coronhadas, conduzindo-o em seguida para o posto, onde prosseguiram na agressão, só o largando quando já exaurido, ele lhes disse que era conhecido do capitão Orlando de Carvalho.

Conhecedores deste caso fomos ao hospital ver o agredido, horrorizando-nos o estado em que os bestiais guardas o deixaram, cheio de golpes e de contusões. Interrogámos sobre os motivos que originaram a gressão e ele, a custo, disse-nos não saber; não só por não conhecer previamente os agressores como por ser a primeira vez que veio a Trancoso. O que sabe é que lhe chamaram ladrão e o espancaram.

O comandante do posto, sr. Fonseca Araújo, prometeu tratar do caso; e nós, sabedores de que tais feras continuam à solta e habilitados a prosseguirem brutalizando quem lhes apeteça, estamos para ver se os condecoram.—C.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Recêlames

E' já amanhã que o Eden-Teatro reabre as suas portas para inauguração dos espectáculos por sessões, o primeiro às 20,45 e o segundo às 22,45, fazendo-o com a primeira representação da nova revista em 2 actos e 12 quadros, «Frei Tomás», ou «O Mistério da rua Saraiva de Carvalho», original de Eduardo Fernandes (Esculápio).

AGREMIações VARIAS

Academia Almadense—Realiza hoje, às 21 horas, na Alameda do Castelo, o seguinte programa: 1.ª parte «Espana Cani»—Passo doble. «Rique Dame»—Overture. «France»—Suite. «Giocondina»—Seleção da Opera. 2.ª parte «Rienzi»—Abertura. «O Assombro de Damasco»—Zarzuela. «Serra de Pilar»—Rapsódia. «Olé»—marcha.

TEATRO APOLO Empresa Luis Ruas, Limit.ª

HOJE, 3 [Telef. II. 4129]

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

Um almoxarife provocador

Camarada redactor.—Em complemento da local «Um almoxarife provocador», que há dias sollicitamente fez publicar no seu conceituado jornal, rogo-lhe a fineza de tornar publico que as obras do palácio da Pena reabriram há dias, tendo sido readmitido todo o pessoal, com excepção feita ao operário José Rodrigues que teve a ombridade de criticar a arrogante attitude do aludido almoxarife. Confiado na justiça que deve presidir a estes actos, aguardamos que a vítima do sr. José do Nascimento seja readmitida como é razoável.

Agradecendo a publicação desta missiva, confessa-se muito grato.—José Rodrigues, operário sindicalado.

TIVOLI

TEL. N. 3471

«Matinée» às 3 h.—«Série» às 8 h. e 9 1/4

Amor de Pai

8 PARTES

Adaptação cinematográfica do romance de J. Claretie «Le Petit Jacques»

Magnifica interpretação

O crime de Pamplinas

Hilarante cine-farça com o célebre cómico BUSTER KEATON

Uma revista de actualidades

Uma cine-farça

A sala de espectáculos mais arcada e confortável de Lisboa

Sindicato Unico Metalúrgico

Para continuação da assembleia geral, prossegue hoje com a mesma ordem dos trabalhos, pelas 21 horas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de A. Batalha.

ACREDITA:

A frequência geral, a tuberculose, o anémia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são fêm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATORIOS DA SINDICATO SORMOSTON

Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

Assistência infantil

No próximo domingo realiza a junta de freguesia do Castelo, às 10 horas, uma sessão solene, para entrega de vestuário e calçado, prémios e material escolar às crianças que frequentam a cantina escolar da aquela junta no ano lectivo findo.

CARTEIRA PERDIDA

António Coelho, chauffeur, perdeu uma carteira com vários documentos, entre eles a sua carta de profissional, e algum dinheiro.

Pede a pessoa que a achou o favor de lhe enviar para a rua do Sol ao Rato, 61, 2.ª, pois lhe fazem muita falta os documentos, podendo, se quiser, guardar o dinheiro.

MARCO POSTAL

Faro — Alfredo Carvalho. — Telegrama chegou depois da notícia publicada. Impossível, portanto, cumprir suas indicações. Samora Correia — Serra Frazão. — Estamos enviando diariamente a remessa do jornal para Muge.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 6,05
D.	3	13	20	27	Desaparece às 19,07
S.	4	14	21	28	FASES DA LUA
F.	5	15	22	29	C. dia 4 às 11,30
Q.	6	16	23	30	C. dia 5 às 11,30
Q.	7	17	24		C. dia 6 às 11,30

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,25 e às 1,51
Baixamar às 6,55 e às 7,21

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96900	96925
Madrid, cheque		2885
Paris, cheque		93,5
Suiza, cheque		3885
Bruxelas, cheque		90
New-York, cheque		19880
Amsterdã, cheque		8502
Holanda, cheque		77
Brasil, cheque		2533
Praga, cheque		59
Suécia, cheque		5835
Austria, cheque		2881
Berlim, cheque		4876

ESPECTACULOS

Teatros
Doliteama. — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Hípico. — A's 21,15 — O Conde de Monte Cristo.
Mierle Vitoria. — A's 20,30 e 21,30 — Raplantes.
Casino de Sinfonia. — A's 21,30 — Concerto pelo te-
ner Lepelletier.
Júlio. — A's 21,30 — Irmãos e A. Gladas.
Salle Roy. — A's 20,30 — Variedades.
Il Vicente (a Grapa). — A's 20 — Animatógrafo.
Reinhold Furque. — 10 das as noites — Concertos e il-
versões.
CINEMAS
Olimpia. — Chido Terras — Sallio Central — Cinema
Condes — Sallio Ideal — Sallio Lisboa — Sociedade Pro-
motora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-
perança — Chantier — Livoli — Tortoise.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO

GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão. 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

Ler nos dias 1 e 15 de cada mês a revista

RENOVAÇÃO

Editada pela Secção Editorial
de A BATALHA
Arte, literatura e actualidade

CALÇADO BARATO

SÓ VENDE

O

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem	Calçado Senhora
Botas de vinta	Sapatos cal. 1.
Botas de vinta	Sapatos cal. 2.
Botas de vinta	Sapatos cal. 3.
Botas de vinta	Sapatos cal. 4.
Botas de vinta	Sapatos cal. 5.
Botas de vinta	Sapatos cal. 6.
Botas de vinta	Sapatos cal. 7.
Botas de vinta	Sapatos cal. 8.
Botas de vinta	Sapatos cal. 9.
Botas de vinta	Sapatos cal. 10.

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO IMPERIO, 86 — LISBOA — TELEF. 3930, N. GRAMA, F. 2422

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do
mundo. Um milhão, 25000. Por
quilo, grandes descontos. Isqueiros
AUSTRIA E PORTUGAL, tudo lar-
go, boa qualidade, dazia 2211.
Tubos fechados e abertos, tampões,
alicos, moais, rodas ócas e massicas,
Pedidos ao unico representante em
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, —
Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as
massicas, tubos, moais, chamadas de 2 e
3 peças, tampões. Vendem-se no Largo
CÔDE BÉLIO, n.º 55 e quiosque
Dirigidos a Francisco Pereira Lata
de a casa que torce em melhores co-
dições.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande loja
de propaganda tem
dado lugar a que
sinda hoje se con-
sumem em Portu-
gal limas estran-
geiras, visto que
as limas marca
"Touro", da Em-
presa de Limas
União Tente Feteira, Ltd., rivalizam em preço
e qualidade com as melhores limas do Mundo!
Experimentem, pois, as nossas limas que as
encontram a venda em todos os bons estabe-
lecimentos de ferragens do país.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cor,
para marceneiros,
serradas em todas as grossuras.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Sabino da Silva
Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Para São Tomé, Loanda, Lobito e Mos-
samedes, sairá no dia 10 do corrente, o va-
por Cabo Verde. Para carga, trata-se na
sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 3000
Sapatos em verniz 3800
Botas pretas (grande salto) 4000
Botas brancas (salto) 2800
Grande salto de botas pretas 5000
Botas de cor para homens 4000
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
18-20, com Filial na mesma rua, n.º 63.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA
garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-
tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede -- Rua Garrett, 95
LISBOA

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:
Mediante um ligeiro sobre-prêmio,
A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da
DOENÇA E INVALIDEZ

mas mergulha-se em novos excessos, porém em Junho
de 1393 torna a cair em demência; desde então até ao
fim da sua longa vida a loucura foi constante, salvo
algumas pequenas intermitências de lucidez.
A Gália nunca conheceu dias mais horríveis; por
toda a parte a guerra civil e estrangeira; as finanças
roubadas, umas vezes pelo duque de Orleans, outras
pelo duque de Borgonha, conforme estes se impunham
a Carlos VI nos seus momentos de lucidez. Filipe o
atrevido, duque de Borgonha, morre em 1404, e o
duque de Orleans, amante da rainha Isabel, sucede-
lhe no poder; porém em 1408 é assassinado por or-
dem do filho do duque de Borgonha. Esse assassinato
deu o sinal de uma nova guerra civil encarniçada; o
herdeiro do duque de Borgonha, depois do assassinio
do duque de Orleans, apodera-se do governo, em cum-
plimento com a rainha Isabel da Baviera, de quem se
faz amante, ainda que manchado com o sangue do
duque de Orleans, que fora o primeiro amor dessa
rainha adúltera e incestuosa.
O duque de Borgonha, a fim de assegurar o seu
poder, chama a si os povos do Brabante, e da Lorena,
indistintamente conhecidos pelo nome de Borguinhões.
O filho do duque de Orleans, e os outros príncipes da
família real, que disputavam o poder ao duque de Bor-
gonha, cercam-se de aventureiros normandos, e sobre
tudo gascoes, comandados pelo conde de Armagnac.
Desde então os dois partidos Armagnacs e Borgui-
nhões mergulham o país nos horrores de uma guerra
civil, que devia durar mais de 25 anos.
O duque de Borgonha, residente em Paris, governa-
va o reino em nome de Carlos VI. Os parisienses adop-
taram na maioria o partido borguinhão; julgaram che-
gado o momento de reconquistarem as suas liberdades;
mas a burguesia, arruinada pelas exações reais, quasi
aniquilada pelos suplicios que se seguiram à insur-
reição, não se achando em estado de dirigir o mo-
vimento revolucionário, desapareceu perante a influên-
cia dos chefes das corporações de ofícios, homens
rudes, analfabetos, enérgicos e inumanos, mas dedica-

dos à sua causa, convictos dos seus direitos, valoro-
samente decididos a prosseguirem a obra de Estevo
Marcel, a assenhorear-se de novo das suas regalias, e
a pôr termo aos escandalosos esbanjamentos da corte.
A mais poderosa das corporações de Paris era então
a dos magarefes; esta corporação tinha por síndicos
os três irmãos Legois.
João de Troyes, homem de bem e cheio de cora-
gem, cirurgião célebre, grande orador, inflamado pelo
seu amor do bem público, apoiava com a sua elo-
quência e com os seus vastos conhecimentos o partido
popular; os irmãos Legois julgaram político, segundo
os conselhos de João de Troyes, sustentar a influên-
cia do duque de Borgonha contra os armagnacs; ob-
tiveram dele autorização para alistarem quinhentos mo-
ços de talho e esfoladores, armá-los e confiar-lhes a
guarda de Paris, o que era um precioso privilégio,
visto que, desarmados desde a última revolta, os ci-
dadãos tinham sido obrigados a sofrerem um jugo odioso
sem resistência possível. Tibert e Saint-Yon, donos
do grande talho situado perto do Châtelet; Caboche,
esfolador de gado no matadouro da Misericórdia, mar-
chavam à frente com os irmãos Legois e João de
Troyes.
Corria o ano de 1411: a Paris chegava todos os
dias a notícia não só de novos roubos dos ingleses,
mas também das devastações de toda a espécie que
os armagnacs estavam exercendo no Vermandez, onde
se achavam em grande número, debaixo das ordens
do duque de Bourbon, do conde de Alençon e de
Clignet de Brabante, almirante de França; as casas e
os bens dos do partido borguinhão, que não protegiam
as fortalezas das cidades eram roubadas, as mulheres
eram violadas, depois esfoladas, os homens eram sus-
pensos por cima de brazeiros ardentes até que decla-
rassem onde tinham escondido o seu dinheiro. Os ar-
magnacs penetram em Champagne, no Artois, e de-
vastam estas províncias.
Carlos VI continuava a estar demente, e o duque
de Guyenna, seu filho, não inspirando nenhuma

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de ofícios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de constru-
ção, aviaamentos, cal, areias, pozolinas, gês-
sões e produtos cerâmicos, madeiras para
construções, ferro, metais e substâncias di-
versas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SE-
GUARADO.

1 volume de 440 páginas, encadernado em
percalina 20\$00

Terraplenagens e alicerces

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre
os movimentos da terra, escavações, ater-
ros, transporte, preços, Reconhecimentos
de terreno por meio de pesquisas e sonda-
gens, diversos sistemas de fundações, Dren-
agens, Descrição geral dos andaimes e es-
coramentos empregados nas construções.
Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS
SANTOS SEGUARADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em
percalina 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas, Estudo de sam-
biagens, máquinas, aplicação das madeiras
nas construções civis, vigamento de sobra-
dos, madeiramento dos telhados, cálculos,
construções: ligeiras de madeira, portas, ja-
nelas, escadas, lambrios, etc., por JOÃO EMILIO
DOS SANTOS SEGUARADO.

1 volume de 385 páginas, encadernado em
percalina 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máqui-
nas e de caldeiras de vapor; seu funciona-
mento; regras gerais para a sua condução e
conservação; turbinas; sua classificação e
descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de cerca de 400 páginas, enca-
dernado em percalina 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combusti-
veis; caldeiras de vapor; superfície de aqueci-
mento; depósitos de água, de vapor e tubos
condutores; caldeiras aquitubulares de circula-
ção limitada, livre, acelerada e ligeiras; ac-
cessórios de superfície de aquecimento, dos de-
pósitos de água e de vapor e aparelhos auxilia-
res; combustão de líquidos de gases e de
carvão pulverizado; bombas e injectores;
locomotivas; condução, conservação, acci-
dentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO
MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.

1 volume de 384 páginas, encadernado em
percalina 16\$00

Formador e estucador

Formação e fundição em gesso; endureci-
mento e bronzeamento do gesso; Material,
ferramentas e utensílios para o trabalho em
estuco; estafe e escaiola; decorações de
estuco; fabrico de massas plásticas, por
JOSEF FULLER.

1 volume de 196 páginas, encadernado em
percalina 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão
e maneira de visar. Materiais para a
moldação, preparação e mão de obra. Diferen-
tes processos de moldar. Fornos diversos, sua
construção e maneira de funcionar. Regras
e conselhos para se poder evitar imperfec-
ções na fundição. Ligas metálicas. Cálculo
e superfícies e volumes. Cálculos de peso
etc., por HENRIQUE FRANCISCO DA SILVEIRA.

1 volume de 232 páginas, encadernado em
percalina 13\$00

Piloteagem

Navegação costeira. Navegação estimada.
Navegação ortodrómica. Cosmografia. Na-
vegação astronómica. Regulação e rectifi-
cação de instrumentos náuticos. Reconheci-
mento hidrográfico, etc., por GUILHERME
IYENS FERRAZ.

1 volume de 360 páginas, encadernado em
percalina 16\$00

Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Di-
versas espécies de pão. Fabrico de massas,
aleitrias, bolachas etc., por PEDRO PROSTES.

1 volume de 190 páginas, encadernado em
percalina 12\$00

Indústria do vidro

Generalidades, claria, pates, flutuadores,
mergulhadores, fornos e preparação de ma-
térias primas. Manipulação do vidro e fabri-
cação do vidro fino. Acabamentos e orna-
mentação. Vidraça e fabricação de grandes
chapas de vidro. Diversas qualidades de vi-
dro. Vetros e objectos de fabrico especial,
etc., por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.

1 volume de 232 páginas, encadernado em
percalina 12\$00

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore	howski, 1 volume de 38 pági- nas.	3\$00
Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas	5\$00	
Asazio		
Tragédia em 5 actos de Svent- hovski traduzido pelo dr. Leono Zamenhof. 1 volume de 157 pá- ginas.	8\$00	
La Avarulo		
Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer. 1 vo- lume de 64 páginas.	5\$00	
La Barbiro de Sevilha		
Comédia em 4 actos de Beaumar- chais, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas.	4\$00	
Bildotabuloj		
De Thora Goldsch mt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estam- pas elucidativas; é indispensá- vel. 1 volume encadernado.	15\$00	
Chaves de Esperanto		
Pecenas, absolutamente portá- teis, esplêndidas como auxi- liar e para propagação, conten- do gramática e vocabulário.	\$50	
Elektilaj Premioj		
De Henri Heine, tradução de Frie- drich Pillath. 1 volume de luxo	2\$60	
La Elementoj kaj la Vortfarado		
De Cefec, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.	5\$00	
Esperanto et Croix-Rouge		
De Bayol, Em francês e Esperan- to, com a terminologia mili- tar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares. 1 volume.	2\$50	
Enciklopedio Vortareto Esperanta		
De Verax, com explicações em Es- peranto e tradução em francês. volume de 284 páginas.	20\$00	
Esperantaj Poemoj		
De C. Chr. Dreogendijk.	2\$35	
Esperantaj Prozaĵoj		
De diversos autores. 1 volume de 246 páginas.	8\$00	
Fantomo en Zubiĝo		
De Kolomano Mikszath, tradução de Eugenio Forster.	4\$00	
Fatala Sulo		
De Leonel Dalsace, obra teosófi- ca traduzida por E. F. Cense. 1 vo- lume de 318 páginas.	12\$00	
Fraulinio Suzano		
Novela por Asejkeno, tradução de P. Medem. 1 volume.	3\$00	
Frenezo		
Dois dramazinhos em 1 acto, ori- ginais de F. Pujula-Vajles. 1 vo- lume de 49 páginas.	3\$00	
Fundamento Krestomatia		
Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 pági- nas.	15\$00	
La Fundo de l' Mizero		
De Vladav Sierosevski, tradução do dr. Kabe. 1 volume de 88 páginas.	3\$00	
Georgo Dandin		
Comédia em três actos de Mo- lière, engraçadíssima. 1 volume de 52 páginas.	6\$00	
Halka		
Opera em 4 actos, texto de Wols- ki, tradução de Antoni Gra-		

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio
de carta registada na qual será enviada a importância res-
pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio
e registo.

Os preços de porte são os seguintes:
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 5
quilos, 5\$50.

Brazil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$350.

vinete mil homens do povo, dirigem-se à Bastilha, for-
talesa recentemente construída por Carlos VI a fim
de assegurar a tirania real e de comprimir os movi-
mentos populares. A multidão sitiava esta cidadela,
que encerrava grande quantidade de armas e ia des-
truí-la, quando o duque de Borgonha acode, pede aos
insurgentes que venham alivamente expor as suas
pretensões ao delfim, duque de Guyenna, afirmando-
lhes que este jovem príncipe cederia perante uma inti-
midação salutar. O povo dirige-se em massa para o
palácio de São Paulo, intimando com grandes gritos o
delfim para que aparecesse. Aparece com efeito, pá-
lido, trémulo, a uma janela do palácio, conduzido pelo
duque de Borgonha, assim como em outro tempo tinha
aparecido na varanda do Louvre o delfim da Norman-
dia, que mais tarde veio a ser Carlos V.
— Meus amigos, exclamou o duque de Guyenna
perdido com medo, à vista da multidão ameaçadora,
— estou pronto a ouvir-vos e a executar o que vós me
aconselhades.
O povo, a uma só voz, aclama João de Troyes
para seu representante, e encarrega-o de significar ao
delfim de cumprir a reforma dos abusos já obtida em
tempo de Estevo Marcel, e de suprimir as taxas.
João de Troyes entra no palácio e diz severamente ao
duque de Guyenna:
— O povo de Paris sabe que vós achais rodeado
de conselheiros perfidos, que vós afastais dos vossos
deveres para com o país; eles vos arrastam a excessos
de conduta aos quais o vosso espírito e o vosso corpo
não poderão resistir. Cada um dos vossos dias é um
escândalo, cada uma das vossas noites uma orgia; o
terrível exemplo do rei vosso pai, que se acha demen-
te, em consequência dos excessos, devia fazer-vos re-
flectir. . . Por mais de uma vez o povo de Paris tem
levantado a voz para vos suplicar de afastar para longe
de vós tão indignos conselheiros; o seu orgulho, a sua
insaciável cobiça, são invencíveis obstáculos à reforma
dos abusos que nós exigimos. Afastai em primeiro lu-
gar para longe de vós esses miseráveis dignos da



Organização Social Sindicalista

(Estudo da Comissão Revisora de Tesas para ser discutido no Congresso Confederal)

- Distribuir por meio de uma divisão científica do trabalho, as diversas tarefas particulares necessárias à produção integral e perfeita de cada utilidade;
- Prestar permanente e activamente todas as informações técnicas ou de outra natureza, acerca do movimento, modo de funcionamento, custo da produção e transportes, e situação moral, económica e financeira da respectiva fábrica ou sindicato respectivo, por meio de relatórios escritos ou orais;
- XXIV—Os conselhos sindicais de oficina ou de fábrica, quando esta não possa ser ou não se encontre dividida em fábricas, são constituídos pelas assembleias gerais dos indivíduos de um e outro sexo, sócios do respectivo sindicato, e que trabalham na mesma oficina ou fábrica, e as suas deliberações ou funções são executadas pelas comissões respectivas;
- XXV—A estes conselhos, além do cumprimento em n.º XII na parte aplicável, cumpre especialmente:
 - Exercer sistematicamente e persistente pressão directa sobre o patronato, para melhoria sucessiva e constante das condições económicas, de bem estar e sociais dos seus componentes;
 - Exercer sistematicamente e persistente propaganda junto dos operários, não sindicados para que se associem;
 - Manter a consciência social sempre viva e activa numa inquebrantável solidariedade e sem solução de continuidade de esforços no combate pela realização do ideal sindicalista e contra a organização patronal—símbolo da organização capitalista;
 - Fiscalizar e vigiar no próprio local a

Conclusão

- D)—Federações Sindicais de Indústria:
 - XXVI—As Federações Sindicais de indústria consistem na Associação, por meio dos seus delegados, de todos os sindicatos da mesma indústria, ofício ou profissão, do país;
 - XXVII—A Federação Sindical de Indústria é constituída pela assembleia geral dos delegados dos sindicatos da mesma indústria, e as suas deliberações e funções são executadas pelas comissões respectivas;
 - XXVIII—As Federações podem agrupar-se—cada uma por si—com as Federações doutros países e formar uma Federação Internacional da Indústria;
 - XXIX—As federações sindicais de indústria cumpre especialmente:
 - Coordenar a acção de todos os Sindicatos da mesma indústria, profissão ou ofício;
 - Coleccionar metódica e sistematicamente

mente todos os elementos e documentos de informação proletária, estatísticas, gráficas, etc., colhidas ou elaboradas pelos sindicatos, secções profissionais ou de ramo, conselhos de fábrica e de oficina, relativas às condições económicas, artísticas, técnicas e científicas e morais da respectiva indústria, regional, nacional ou internacionalmente;

- Defender os interesses comuns profissionais da respectiva indústria;
- Fiscalizar as condições do trabalho, da produção e fabrico da respectiva indústria;
- Estudar e tomar conhecimento das condições de vida da respectiva indústria, seu desenvolvimento técnico e suas matérias primas, bem assim das relações e funções das diversas fábricas da mesma indústria e ainda dos mercados internos e externos a que se destinam os respectivos produtos;
- Verificar a existência de *stocks* nos mercados nacionais ou regionais e indagar acerca da sua procedência exacta;
- Promover e difundir a instrução profissional dos operários;
- Executar e fazer respeitar as resoluções dos congressos da respectiva indústria;
- Aderir à C. G. T. e representar os interesses da respectiva indústria perante este organismo.

- E)—Sindicatos Nacionais e Sindicatos Regionais:
 - XX—Os sindicatos nacionais e os regionais, consistem na associação de todos os indivíduos que exercem a sua profissão, ofício ou mister, na mesma indústria ou serviços, que, pela sua natureza especial, não permitem a fixação local e permanente dos mesmos indivíduos e as actividades dos mesmos indivíduos inter-dependentes, ou quando o número dos indivíduos duma determinada indústria é diminuto, em todo o país;
 - XXI—O sindicato nacional ou o regional é constituído pela assembleia geral dos as-

sociados que se encontra na localidade da sede do sindicato e por delegados directos das secções do mesmo.

XXII—Os sindicatos nacionais ou os regionais promovem a criação de secções industriais quando a natureza da indústria ou serviços a faculte—estabelecendo relações inter-sindicais com a federação de indústria de que, pela sua característica industrial, são parte integrante.

XXIII—Havendo alguns sindicatos regionais duma mesma indústria ou serviços, será constituída entre si a federação respectiva.

XXIV—Os sindicatos nacionais ou os regionais que não tenham federação aderem directamente à C. G. T.

E)—União de Sindicatos:

XXV—As União de Sindicatos consistem na associação de todos os sindicatos existentes numa localidade ou num dado território, independentemente da profissão, ofício ou indústria.

XXVI—A União dos Sindicatos é constituída pela assembleia geral dos delegados dos sindicatos associados, e as suas deliberações e funções são executadas pelas comissões respectivas.

XXVII—As União de Sindicatos são organismos essencialmente de educação, de coordenação e de solidariedade social, de área diversa, conforme a maior ou menor intensidade e complexidade da vida que tiver e o número de órgãos sindicais de primeiro grau que abrangem.

Correspondem aos municípios ou comunas actuais.

XXVIII—A's União de Sindicatos cumpre especialmente:

- Criar um ambiente favorável à luta de classes, pela acção comum de todos os trabalhadores, sem distinção profissional, pela conjugação de esforço, pelo auxílio material e moral;
- Promover a defesa dos interesses gerais, comuns aos associados das várias profissões;

c) Efectuar a propaganda educativa, promovendo e organizando frequentes reuniões inter-sindicais, espectáculos teatrais, festas de solidariedade, cursos e escolas para crianças e adultos, conferências e palestras, bibliotecas e salas de leitura, museus sociais, publicações de livros e brochuras, revistas e jornais, etc.;

d) Estabelecer as instituições de solidariedade que as circunstâncias recomendearem como caixas de auxílio, aos grevistas, aos presos por questões sociais e aos operários sem trabalho, consultórios médicos e jurídicos, cozinhas comunitárias, etc.;

e) Facilitar e organizar a colocação dos operários, servindo de intermediários entre a procura e a oferta de trabalho;

f) Conhecer as condições de vida e situação da respectiva área, e os organismos existentes e suas condições de vida material e moral.

g) Estudar minuciosamente e inventariar todas as indústrias da área, seu estado de prosperidade, ou decadência, flutuações de preços, ofertas e procura de utilidades: armazéns por grosso e a retalho, etc.;

h) Procurar manter quanto possível o equilíbrio entre o preço da locação do trabalho e o preço da compra dos produtos, ou seja entre o salário e o custo da vida;

i) Organizar a repartição de consumo das utilidades entre os sindicatos, regulando a sua distribuição de harmonia com as necessidades dos consumidores, por meio de órgãos adequados;

j) Renovar a celebração do congresso sobre questões particulares de interesse para a vida sindical e para o bem estar da população, e executar as suas resoluções;

k) Aderir à C. G. T. e representar os interesses dos trabalhadores dos respectivos sindicatos perante este organismo.

XXIX—Para melhor realizarem todos os seus fins, as União limitrofes poderão agrupar-se e formar Federações de União de Sindicatos.

F) Confederação Geral do Trabalho.

XXX—A Confederação Geral do Traba-

lho consiste na associação dos organismos de segundo grau da Organização Social Sindicalista (Federações, Sindicatos Nacionais, Sindicatos Regionais e Unões) e dos sindicatos das localidades onde não haja União, ou que não tenham constituído a respectiva Federação.

XXXI—A Confederação Geral do Trabalho, abrangendo todos os trabalhadores do país por intermédio das diversas associações que nela se encontram filiadas, é a representante natural de todas as indústrias, ofícios e profissões, e a ela compete a sua suprema coordenação.

XXXII—A C. G. T. é constituída pela assembleia geral dos delegados dos organismos referidos no número XXX e as suas deliberações e funções são executadas e exercidas pelas comissões respectivas.

XXXIII—A C. G. T. cumpre especial mente:

- Coordenar todos os órgãos e organismos sociais sindicalistas no sentido do bem geral da colectividade, fazendo-os actuar sem coerção ou fórmulas autoritárias;
- Estimular e auxiliar todas as iniciativas e movimentos que traduzam um melhoramento ou aperfeiçoamento social;
- Fazer por que os princípios fundamentais da filosofia social em que se baseia o sindicalismo sejam respeitados e seguidos sem transigências nem desvios por todos os órgãos e organismos confederados;
- Servir de árbitro para solução dos problemas emergentes das relações entre os diversos órgãos e organismos sindicais;
- Convocar e organizar bialmente o Congresso Confederal; e executar e fazer respeitar as suas resoluções;
- Representar todos os órgãos e organismos confederados e manter as devidas relações de íntimo entendimento perante a C. G. T. dos outros povos;
- Aderir, em nome de todos os filiados nos órgãos e organismos confederados, e conforme a resolução tomada no Congresso

(Continua.)

No Sul e Sueste

Prosseguem activamente as sessões de propaganda e defesa da classe, tendo-se realizado duas, em Évora e em Beja.

EVORA, 28—Effectuou-se a assembleia dos ferroviários do Sul e Sueste para tratarem da sua situação económica e moral, nomeação dos delegados ao Congresso Confederal a realizar em Santarém neste mês, propaganda geral da organização, com a presença de delegados do respectivo Sindicato, Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho.

A questão das reclamações já entregues às autoridades competentes pela respectiva Comissão de Melhoramentos, foi tratada desenvolvendo, tendo os interessados tomado conhecimento do trabalho confiado pelo Sindicato, neste sentido.

Todos os delegados expuseram desenvolvimento assuntos que interessam à organização ferroviária, e demonstraram a necessidade dela ter de impor-se para o cumprimento das suas reclamações.

O problema social propriamente dito e com referência à posição da classe ferroviária perante o mesmo, foi largamente ventilado, provando-se que aos ferroviários está demarcado um importante papel sindical, que tem de corresponder não só às necessidades da classe, como também às da organização geral da classe trabalhadora. O fortalecimento da respectiva Federação, como princípio básico para o progresso da classe, foi um dos assuntos que mais interessou a assembleia.

Esta aprovou os documentos cujas conclusões já foram publicadas e analisou o caso da redução de salários que foi feita ao pessoal eventual dos serviços da construção, tendo protestado contra esse facto que representa uma verdadeira violência.

BEJA, 29.—Na Delegação do Sindicato do Pessoal do Sul e Sueste realizou-se a anunciada assembleia do referido pessoal para tratar de assuntos que interessam a classe, conforme A Batalha tem vindo publicando.

Constituída a mesa pelos ferroviários Armando Silva, secretário por Estevão Soares e Ludgero Duque Carreira, foram pelos delegados Alfredo Carvalho, Alfredo Pinto, Mário Castelhan e Manuel Joaquim de Sousa, delegados, os dois primeiros do Sindicato, e os dois restantes da Federação e Confederação Geral Trabalho, tratado todos os assuntos referentes à situação económica e moral da classe.

Abordaram a questão do horário de trabalho, que ainda não é cumprido no Sul e Sueste, quando existe uma lei e regulamento sobre o mesmo.

A questão social despertou um certo interesse em todos, preconizando-se o máximo de esforço para a conquista das reclamações entregues pelos ferroviários ao governo e robustecimento do respectivo Sindicato.

Foram aprovadas as moções já publicadas.

SOLIDARIEDADE

Pró-José Vargas Júnior, António Dias e Pedro Gula de Oliveira

A favor dos deportados José Vargas Júnior, António Dias e Pedro Gula de Oliveira, promove um grupo de amigos um espectáculo, no próximo domingo, no Salão de Festas da Construção Civil, às 21 horas. Constam do programa um acto de variedades pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, um intermédio cómico, variações à guitarra e certame de fados.

A comissão pede às pessoas que se encarregarem da passagem de bilhetes, que entreguem as importâncias em seu poder até amanhã.

Pela comissão administrativa dos Pintores de Construção Naval foi recebida a importância de 108\$20, proveniente de uma quele tirada a favor do seu consócio Rodolfo da Silva, ao qual já foi entregue.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$50

INTERESSES DE CLASSE

Uma medida onerosa para a classe piscatória de Faro

Embora os marítimos de Faro em determinadas emergências não soubessem defender as suas caras aspirações, o que é certo é que em situações difíceis a referida classe soube sempre afirmar o seu valor revolucionário, especialmente quando a sua situação económica perigava. Por circunstâncias que ainda não nos foi fácil descorinar o baluarte associativo da classe em referência, tem-se aliado dos seus deveres sindicais, isto em manifesto prejuízo da sua própria situação. Será este alheamento proveniente do último movimento grevista?

Não o sabemos, mas se tal se dá, não há motivos que o justifique. Primeiro, porque se vitória a classe não alcançou, derrota também não sofreu, pois soube afirmar quanto vale a união e a solidariedade duma classe. E essa solidariedade, se na aludida conjuntura se manifestou, agora mais do que nunca se impõe, a fim de que a classe não sossobre à ganância desmedida do governo.

Referimo-nos à medida posta em prática ultimamente pelo governo, medida que consiste na supressão das redes denominadas, "cercos americanos", únicas que mais nos convém e aqueles que só podem comprar peixe miúdo, como é vulgar chamar-se. Em sua substituição foi notificado pela capitania respectiva que só seriam permitidas as redes de 25 mjm. Esta determinação, que tem tanto de vexatória como de prejudicial vem causando na laboriosa classe piscatória um movimento de justa repulsa, pois ela vem agravar a sua miséria situação. Em face desta dificuldade só um caminho nos resta: fortalecer o sindicato de Faro, em cuja circunscrição se praticou a arbitrariedade, e procurar por todas as formas ao nosso alcance que tal medida não siga o seu curso.

Faro, 1-9-25

Manuel MARRÃO

(Marítimo sindicalista)

Vendedores de Jornais

A comissão administrativa da Liga dos Vendedores de Jornais procurou a empresa do Diário de Notícias, reclamando-lhe que a saída do jornal não fosse além das 7 horas, em virtude dos prejuízos que isso ocasiona à classe.

Atendeu-a o sr. Mário Rosado, que com modos bruscos se recusou a atendê-la, não sendo já a primeira vez que este senhor se mostra hostil para com uma classe que em coisa alguma o agravou ou à empresa do jornal.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Escola Profissional de Enfermagem

Pela Direcção Geral dos H. C. L., foi mandada abrir por 30 dias, a matrícula na Escola Profissional de Enfermagem para o próximo ano lectivo 1925-26.

As condições da referida matrícula encontram-se expostas nas Repartições Fiscais dos Hospitais Civis.

Queixas e reclamações

Um oficial «brioso»

Escrevem-nos de São Bartolomeu de Mesines relatando-nos que o comandante do posto da G. N. R., António dos Santos, prendeu há dias dois indivíduos, que se diz andavam caçando, aplicando-lhes uma multa de 600\$00, em vez da multa devida, que é muito menor, e da qual teria participação a câmara municipal, burlando por esta forma esta e os multados.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Canteiros e Polidores de Mármore de Lisboa e arredores

A Secção Profissional dos Canteiros e Polidores de Mármore do S. U. C. Civil de Lisboa, promove uma sessão magna dos operários da especialidade respectiva, de Lisboa e dos arredores, que na cidade trabalham, para se ocuparem da crise de trabalho e baixa de salários.

Para essa sessão, que se realiza hoje, às 19 horas, foi distribuído um manifesto do qual extrairmos os trechos que seguem.

"Camaradas:—O momento grave por que esta atravessando o proletariado da Construção Civil, não é de molde a que se continue verificando o enfraquecimento das energias individuais, porque tal se vem reflectir directamente nos nossos organismos de resistência. Todos nós sabemos que a guerra, esse tremendo flagelo que assombrou o mundo inteiro, nos trouxe funestas consequências, cujos efeitos ainda hoje estamos sofrendo duma maneira atroz e miserável. O custo da vida eleva-se de tal forma, que já mais os salários que auferimos lhe conseguem fazer face. Além deste mal, veio outro pior, a crise de trabalho, com que há já nove longos meses nos vimos debatendo, crise propositadamente provocada pelos nossos exploradores, no intuito de nos forçarem pela miséria, a abdicarmos das poucas regalias até aqui conquistadas, uma das quais, a mais cara, aquela que tanto sacrifício tem custado ao mundo proletário, as 8 horas normais de labor."

E tanto assim é, quanto é certo não haver um motivo forte que justifique a falta de trabalho entre nós, pois que a falta de habitação para a população desta cidade, mormente para as classes populares cada vez mais se está fazendo sentir. Se é assim, se há falta de produção, como se compreende então a crise de trabalho na nossa indústria?

E' que o industrialismo, levado pela sua feroz ambição, tendo espreitado qual fera no povoado, a inércia, o indiferentismo criminoso, a ignorância, a cobardia moral, e até mesmo a estupidez, com que a classe operária tem votado ao mais completo abandono os seus organismos de resistência, aproveitando esse ensejo, pensou em levar de vencida o seu objectivo, pretendendo pela miséria atroz, que entre nós já se vai fazendo sentir assustadoramente, levar-nos às mais duras condições de escravidão, satisfazendo assim os seus malévolos intentos, que o mesmo é dizer o seu nefando, egoísmo. Nesta situação se encontra actualmente a classe dos canteiros e polidores de mármore, pois que os muitos operários que se encontram sem trabalho, por mais que procurem, não conseguem colocação."

Os restantes camaradas que embora por pouco tempo, ainda vão tendo onde empregar a sua actividade, não tem entanto sofrido uma redução nos salários que os coloca numa situação se não igual pelo menos bastante embaraçosa, para poderem arcar com as instantes despesas dos seus lares."

Pode esta situação continuar à mercê do indiferentismo e desunião da classe?"

E' pois nestas circunstâncias, que a Secção resolveu promover uma sessão magna da classe, a-fim-de discutir com inteligência e ponderação, a forma mais viável de fazer terminar no mais curto espaço de tempo, a crise de trabalho e a baixa de salários de que estamos sendo vítimas."

Sindicato da Construção Civil de Sintra

A comissão pró-desempregados do Sindicato da Construção Civil de Sintra, convidou os operários desempregados e que fazem parte desta indústria a inscreverem-se no boletim do Sindicato todos os dias das 21 às 22 horas, para o que se encontra na sede um delegado.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA 1 volume de 400 páginas 1\$500

Pelo correio 1\$550.

Pedidos à administração de "A Batalha"

Contra os políticos

que ameaçam a organização operária!

Julgamos os militantes que compõem a maioria da Federação Marítima que deram um grande passo para a frente, no movimento operário, desligando-se da C. G. T. Enganam-se. Deram de facto um grande passo, mas para trás, demonstrando uma ignorância deplorável e uma deplorável falta de amor pela organização operária.

Os comunistas devem esfregar as mãos de contentes pois conseguiram levar para o seio uma classe numerosa, que, a ficar na triste posição em que a maioria dos seus militantes a colocou, não passará dum instrumento para levar aventureiros ao parlamento e parlamentos às cadeiras do poder. São estes, pelo menos, os objectivos da política que em Portugal pretende enfraquecer a força operária e a Rússia destruiu quase completamente a obra da revolução.

São os mesmos maneios políticos que influíram nos Empregados de Escritório e os arrastaram a afastarem-se da C. G. T.; são os mesmos maneios que actuaram na Associação dos Caixeiros.

A luta está travada entre os políticos e os sindicalistas. Que todos os defensores da organização operária se preparem para derrotar os que pretendem entregar os trabalhadores às ambições dos políticos e à ganância dos capitalistas. E, através de tudo, através de intrigas, através de *trucs*, e de calúnias, a vitória ha-de pertencer aqueles que até hoje têm sabido encarnar as aspirações das classes trabalhadoras pelos eficazes meios de acção do sindicalismo revolucionário.

Francisco P. RAMOS

Renovação
Revista Gráfica
A 1 e 15 de cada mês
Preço rec. 1\$50

Congresso Confederal

Uma resolução assinada dos Empregados Menores do Comércio e Indústria

Reuniu a assembleia geral para, entre outros assuntos, apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. Depois de uma interessante discussão em que todos os oradores encareceram a necessidade do sindicato se fazer representar no Congresso Confederal, a assembleia resolveu que as despesas para custear essa representação não afectassem o cofre sindical, pelo que de entre a assistência da assembleia foi tirada uma quele cujo resultado foi de 155\$00.

Para delegado ao Congresso Confederal foi nomeado o camarada Abraão Rodrigues Coimbra, sendo também nomeado António Rodrigues Pereira para completar a delegacia à Câmara Sindical do Trabalho.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho Geral

- Reúne-se hoje, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:
- 1.ª Votação da tese a levar ao Congresso Confederal sobre Câmaras Sindicais de Trabalho e Juntas Sindicais;
- 2.ª Discussão duma proposta do Sindicato dos Alfaiates;
- 3.ª Nomeação de Delegados ao Congresso;
- 4.ª Preenchimento de cargos vagos.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Operários da Indústria de Conservas.—Reuniu o Conselho Federal no dia 24 de Agosto, com a apresentação de todos os organismos aderentes que apreciaram o ordem de trabalhos os seguintes officios: do Sindicato de Peniche pedindo delegado a uma sessão de propaganda, foi resolvido deferir o pedido. Da C. G. T., convidando esta Federação a nomear delegado ao Congresso Confederal; depois de larga discussão foi resolvido enviar um delegado àquela magna assembleia e convidar todos os sindicatos aderentes a enviarem delegados.

O secretário geral, aludindo à greve dos soldados de Olhão informa o conselho que apenas recebeu um officio do sindicato respectivo, officio que apenas se referia a razões determinantes da declaração da greve. Quanto à sua solução ignora oficialmente em que condições ela foi feita, pois não recebeu comunicação directa.

No dia 28 voltou a reunir o mesmo conselho, especialmente convocado para se ocupar da prisão de três soldados de Olhão acusados de terem tomado parte no último movimento grevista daquela vila. Depois de trocadas algumas explicações, a assembleia federal resolveu suspender a sessão por 15 minutos, a fim dos delegados nomeados telefonicamente conferenciar com o Conselho Jurídico da C. G. T. sobre a realização de *démarches* pró libertação dos referidos presos. Expirado o prazo, os delegados informaram a assembleia de que o C. J. tem tratado da libertação de todos os presos, incluindo os de Olhão. Em face desta diligência do conselho, no sentido de a reforçar, nomeou um delegado, o qual junto da comissão jurídica confederal tratará da libertação das vítimas das autoridades de Olhão. Esta deliberação não chegou a ser posta em prática em virtude da comissão administrativa deste organismo ter sido informada delque se encontravam em liberdade os presos em referência.

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Reuniu ontem a comissão administrativa que se ocupou da falta de comparência dos delegados às reuniões do Conselho Federal, resolvendo fazer sentir aos delegados a necessidade da sua comparência.

Tomou conhecimento do que se passou sobre a reclamação deste organismo referente à importação do calçado na reunião da Comissão Técnica Aduaneira esperando agora o resultado a que chegou a mesma comissão.

Resolveu convocar novamente o conselho federal para apreciar assuntos sobre os quais a comissão não quer agir sem a sua sanção.

S. U. Mobiliário.—São convidados os cobradores aos domicílios a virem entregar as suas cobranças durante a semana.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação da C. Civil—A comissão administrativa às 21 horas.

União Têxtil—A' 21 horas a direcção com o delegado ao Congresso Confederal.

S. U. C. Civil—Secção dos carpinteiros—A's 20 horas os carpinteiros de branco da Parceria dos Vapores Lisboenses, a fim da comissão de «démarches» dar conta dos trabalhos realizados.

Secção dos Canteiros e Polidores de Mármore.—Em assembleia magna às 19 horas.

S. U. Mobiliário.—O comité da sede às 21 horas.

Refinadores de Açúcar.—A's 19 horas, a assembleia geral, para assuntos de interesse para a classe.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—A assembleia dos pintores que trabalham na Parceria dos Vapores Lisboenses, às 18 horas, para tomarem conhecimento dos trabalhos realizados para a solução da greve do pessoal da referida Parceria.

Operários municipais.—A's 21 horas o tesoureiro e o secretário da caixa de solidariedade.

Pessoal de Rebocadores e Gasolinhas—A assembleia geral às 19 horas.

S. U. Mobiliário—A's 17,30 horas, os delegados que representarão este organismo no próximo Congresso Confederal.

DIAS PRÓXIMOS

Vendedores de Jornais—A assembleia geral no domingo, pelas 20 horas.

Federação do Livro e do Jornal.—A comissão organizadora do Congresso e a direcção da Liga dos Vendedores de Jornais, reúnem amanhã às 18,30 horas.

Caixeiros.—Reúne amanhã a assembleia geral para continuar os trabalhos da assembleia geral extraordinária, iniciando-se a discussão dos assuntos dados para depois da ordem dos trabalhos.

SINDICATOS DA PROVINCIA

S. U. da Construção Civil de Sintra—Reúne amanhã, às 20 horas, a comissão administrativa.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne-se hoje às 21 horas o comité federal para tratar de assuntos de interesse para a Voz Sindical e para a próxima reunião do conselho federal.

Núcleo do Porto.—Secção dos Manipuladores de Pão.—Um numeroso grupo de jovens da classe dos Manipuladores de Pão do Porto, sentindo a necessidade de educar-se e contribuir para o levantamento de consciências e difusão do ideal libertário, vem de constituir esta nova secção juvenil.

A sua inauguração terá lugar no próximo domingo, pelas 15 horas, realizando-se uma sessão solene em que usarão da palavra, além de alguns militantes das juventudes, militantes do movimento operário, sessão que será abrilhantada por um grupo musical. Esperam os jovens que o seu entusiasmo seja correspondido pela assistência à sua sessão solene, de toda a parte mais activa dos trabalhadores portugueses.

AS GREVES

A da Parceria dos Vapores Lisboenses

Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra

A Direcção deste Sindicato notifica aos fogueiros do rio que não devem fazer serviço na doca e oficinas da Parceria dos Vapores Lisboenses, prestando assim solidariedade aos carpinteiros navais em greve.

Pessoal dos Rebocadores e Gasolinhas

</